

3

Edição  
2014.1

# JORNAL DA FACOM

Jornal Laboratório  
da Faculdade  
de Comunicação  
da UFBA



Milena Abreu/LabFoto

## Você é um comedor compulsivo?

PÁGINA 08

**RADAR** ● PÁGINA 03  
2 de Julho: a contínua  
(re)invenção do bairro

**BABEL** ● PÁGINA 5  
Medo de falar  
em público?

**RADAR** ● PÁGINA 06  
Retratos do parto  
humanizado

## PARA NÃO SE PERDER...

RADAR – PÁG. 3  
SALVE O DOIS DE JULHO!

RADAR – PÁG. 4  
TERAPIA VIRTUAL

BABEL – PÁG. 5  
MEDO DE FALAR EM PÚBLICO

RADAR – PÁG. 6  
VIOLÊNCIA OBSTÉTRICA

RADAR – PÁG. 8  
COMER COMPULSIVO

BABEL – PÁG. 10  
FARMACIA DA TERRA

RADAR – PÁG. 11  
EMPREENDEDORISMO

É FEDERAL – PÁG. 12  
OBITUÁRIO:  
PROFESSOR SETARO

TAMBORES – PÁG. 14  
FUTEBOL SEM FRONTEIRAS

TAMBORES – PÁG. 15  
BAIANAS DO LONGBOARD

BABEL – PÁG. 16  
ENTREVISTA A  
UELTER RIBEIRO

# JORNAL DA FACOM

Jornal Laboratório da Faculdade de  
Comunicação da Universidade Federal da Bahia  
Rua Barão de Geremoabo s/n, Campus de Ondina  
CEP 40.170-115 Salvador – Bahia - Brasil

# EDITORIAL

Em clima de despedida, os focas da Oficina de Jornalismo Impresso encerram a última edição de 2014.1 do Jornal da Facom (JF). Se o Brasil não foi hexa, nós fomos grandes guerreiros neste semestre. Desbravamos pautas, corremos contra o tempo, buscamos fontes, ufa! Três edições foram produzidas com grande empenho pelos alunos que compuseram esta turma. Aprendizado é a palavra que resume nossos encontros intensos nas terças e quintas. Entre uma reportagem e outra, visitas técnicas e atividades compuseram nossa rotina jornalística. Ao longo desses cinco meses temas variados rechearam as editorias do JF. Nessa edição não será diferente. Uma mescla de cultura e comportamento, cotidiano e saúde deram forma ao nosso último jornal laboratorial. Desejamos a você, caro leitor, uma ótima apreciação daquilo que resume nosso trabalho desse semestre que chega ao fim. Até breve!

**Analú Ribeiro**

Redação JF

## ERRAMOS

A foto do jornalista Alirre Talento na matéria "Liberdade de expressão em pauta", na edição anterior, pág.08, é de autoria de Lunaé Parracho.

Produção da disciplina Oficina de Jornalismo Impresso  
do curso de Jornalismo - Terceira edição, semestre 2014.1

**Reitora:** Dora Leal Rosa

**Diretor da Facom:** Suzana Barbosa

**Coordenação Editorial:** Graciela Natansohn-DRT/BA 2702

**Editores chefes:** Clarissa Viana e Edvan Lessa

**Editores de fotografia:** Bruna Castelo Branco

**Repórteres:**

Aline Valadares, Amanda Moreno, Analú Ribeiro, Bruna Castelo Branco, Caio Cruz, Clara Rellstab, Debora Rezende, Eduardo Bittencourt, Filipe Moreira, Gabriela Galeno,, Gustavo Salgado, Isabela Garrido, José Ednilson Almeida, Júlia Sarmento, Laís Matos, Lorena Correia, Lorena Morgana,

Matheus Vianna, Pollyanna Couto, Salete Maso, Vinícius Arnaut, Vitória Régia

**Fotógrafos:**

Victor Gardellim, Bruna Castelo Branco/LabFoto, Milena Abreu/LabFoto, Carolina Pereira/LabFoto, Salete Maso

**Projeto Gráfico:** Amanda Lauton Carilho/EDUFBA

**Diagramação:** Edson Sales/EDUFBA

Distribuição gratuita

[facebook.com/jornaldafacom](https://www.facebook.com/jornaldafacom)

# Bairro 2 de Julho grita entre independência e morte

## Tensões entre o patrimônio cultural e as apropriações sociais do espaço continuam a reinventar o bairro

**Gustavo Salgado**

Atravessar a Rua Carlos Gomes e seguir em direção ao Largo 2 de Julho é mais do que simplesmente deslocar-se em meio a mais um espaço de Salvador. A feira dessa vizinhança, uma das poucas remanescentes da cidade, não é nenhum padrão FIFA mas, talvez esteja em seu caráter intimista, uma pista para entender o porquê de pessoas enfrentarem o caótico trânsito da Soterópolis para frequentar o bairro.

Local de padarias e delicatessens tradicionais intensamente frequentadas durante o dia, assim como um local que concentra inúmeros botecos e restaurantes que começam a encher, principalmente, ao anoitecer. “Bola Verde”, “Caxixi”, “Líder” e “Porto do Moreira” são alguns dos primeiros nomes que vêm à mente, ao se pedir alguma sugestão aos transeuntes. Mas, sentar-se à mesa em um desses restaurantes é também ter de se deparar face a face com alguns dos principais problemas das metrópoles.

Das cadeiras que ocupam as calçadas, vê-se de tudo que uma grande cidade tem a oferecer. Pessoas a mendigar comida ao seu lado; gente que, perdendo a lembrança de ainda ser gente, nem olha para o seu rosto ao pedir esmola. A truculência policial que agride e mata, a presença do crack que bate à porta.

Das senhoras carolas que circulam pelos armazéns e lojas de produtos de artesanato à procura de tinta para tecido, às drag queens que garimpam acessórios para compor suas performances no Âncora do Marujo (um documentário homônimo, dirigido por Victor Nascimento, aborda o universo desse bar, recanto do transformismo no Centro Histórico de Salvador).

“As pessoas em Salvador não têm o hábito de sair às ruas, principalmente à noite”, considera o artista visual e arte-educador Naasson Oliveira. Morador do 2 de Julho, Oliveira também afirma que o grande fluxo de pessoas que transitam pelo bairro é aproveitado por praticantes de pequenos furtos. E contrariando a tendência de auto cárcere adotada



pela população, defende a ideia de que os espaços sejam constantemente ocupados e reinventados. “É preciso viver o bairro para não deixá-lo morrer”.

Laila Fagundes, estudante de Psicologia, avalia que um dos diferenciais da região é que as pessoas vivem as ruas mesmo após o final do expediente, “diferente de outros bairros em que as pessoas se enclausuram em suas casas”. Considera também que o sucesso e a permanência da feira do 2 de Julho ocorrem por ser um espaço de comunicação que possibilita o entrosamento do bairro com moradores e frequentadores (ocasionais ou assíduos, fregueses).

### **Cidade e cidadania**

Luiz Arthur Costa e Maya Manzi, geógrafos e integrantes do Movimento Nosso Bairro é 2 de Julho (MNBE2J), apontam que a Secretaria Municipal de Ordenamento Público (SEMOP) está com processos de desapropriação para duas famílias que residem na Vila Coração de Maria, situada na Rua Democrata, no Largo 2 de Julho, por ocuparem uma edificação que fora abandonada – um indicador do atual conflito de interesses pelo precioso território urbano. O MNBE2J afirma que uma de suas principais lutas é contra o processo de gentrificação do bairro.

Através de debates críticos em cineclubes, ou por meio de artes visuais, teatro e performances, artistas ocupam espaços vazios no 2 de Julho para tornar o bairro culturalmente mais vivo. O Circuito

Cultural, ganhador do edital municipal “Arte Por Toda Parte”, da Fundação Gregório de Matos, ocupa as ruelas do bairro.

Sandro Pimentel, artista, considera que “a arte-mobilização-social chama as pessoas para discutir a reinvenção do espaço”. Para Pimentel, a inclusão do 2 de Julho na 3ª Bienal da Bahia tem potencial para causar um grande impacto positivo no cenário artístico da região. O Museu de Arte Sacra da Universidade Federal da Bahia, localizado

na Rua do Sodré, sedia a Bienal entre os dias 29 de julho e 7 de setembro.

“O patrimônio é poder. Não são apenas objetos, são símbolos sociais”, afirma a arquiteta, restauradora e graduanda em

Museologia, Ingrid Orlandi, que avalia que “para existir vida, não se pode congelar os centros históricos”. A restauradora não defende o descuido dos bens culturais materiais, mas, pelo contrário, aposta na educação como capacitadora da cidadania. E, ainda complementa: “Para algo ser realmente patrimônio é preciso que seja apropriado pelas pessoas”.

“É preciso viver o bairro para não deixá-lo morrer”

# Terapia Virtual é nova área de atuação dos psicólogos na internet

## Orientação pela internet marca um novo alcance para a psicologia contemporânea

Laís Matos

Há várias maneiras de conseguir ajuda em situações difíceis e, em muitos casos, a internet é o primeiro recurso procurado. A orientação psicológica online - ou terapia virtual - marca um novo campo da psicologia. Vários sites foram criados nos últimos anos com essa finalidade e, desde então, veio a necessidade de uma legislação para os psicólogos que usam a rede como ferramenta de trabalho. Além de sites particulares, existem entidades e ONGs que trabalham com orientação psicológica virtual voltada para situações específicas e sem fins lucrativos.

Em 2012, o Conselho Federal de Psicologia (CFP) emitiu uma resolução que regulamenta a atividade dos psicólogos nos ambientes tecnológicos. Com a resolução em vigor, os sites e outras plataformas virtuais passam agora por fiscalizações e devem estar autorizados pelo Conselho para exercerem suas atividades.

Os sites que oferecem serviços psicológicos são clínicas ou psicólogos particulares que, após o primeiro contato via site, disponibilizam atendimento terapêutico através de suportes ou tecnologias como Skype ou e-mail. Os valores costumam concentrar-se entre R\$ 35,00 e R\$ 110,00 a sessão. Alexandre Pifer é dono de uma clínica de psicologia no Rio Grande do Sul e de um site que oferece atendimento psicológico particular virtualmente.

Segundo José Carlos Ribeiro, doutor em Comunicação e Cultura Contemporânea e professor de psicologia, os sites oferecem uma orientação pontual, feita para auxiliar uma situação específica. É importante ressaltar que a terapia virtual não é psicoterapia e nem deve substituí-la, sendo regulamentada pelo Conselho apenas a prática da orientação ou aconselhamento no ambiente virtual.

Conforme Alexandre Pifer, o público é bastante diversificado. A maior parte das pessoas procura

a terapia devido a problemas de relacionamento, quadros depressivos e de ansiedade. Geralmente uma média de 10 sessões é suficiente para orientar a pessoa e concluir o objetivo inicial.

Referente ao credenciamento do site no CRP, Pifer disse que basta ter uma plataforma que atenda aos requisitos do Conselho. No site deve estar explicado o regulamento, além de possuir uma política de privacidade para proteger os dados dos usuários. O psicólogo afirma que os sites irregulares não duram muito tempo, pois existe um sistema de monitoramento de sites ilegais. Além disso, as pessoas geralmente ficam atentas quando procuram por atendimento virtual, verificando o selo e exigindo as informações necessárias.

“É importante ressaltar que a terapia virtual não é psicoterapia e nem deve substituí-la”

### Helpline

Há um site de orientação psicológica que tem um trabalho diferente dos outros: o Helpline. Esse canal instrui pessoas que sofreram algum tipo de violência

virtual, principalmente crianças e adolescentes. O atendimento é feito através de chat online por uma equipe de psicologia.

Helpline foi criado pela Safernet, uma ONG baiana de alcance nacional que atua como um canal de denúncias para crimes virtuais, tendo como objetivo esclarecer e informar sobre os perigos da internet. Segundo Rodrigo Nejm, coordenador do Helpline, hoje é muito mais difícil de compreender o que é espaço público e espaço privado. “É mais que necessária a presença de um canal que ofereça suporte aos internautas vítimas de agressões e outros crimes virtuais. Aí surgiu o Helpline”. Nejm explica ainda que este é o único site de orientação psicológica de interesse público e que funciona como uma política pública.

A Secretaria Especial dos Direitos Humanos da



Orientação virtual introduz uma nova área de atuação para a psicologia

Presidência da República possui um canal de denúncias, o Disque 100, onde o usuário pode denunciar violências contra crianças e adolescentes. Helpline funciona, na visão de Nejm, como um “braço do disque 100”, só que voltado para a internet.

A Safernet trabalha em parceria com a central da Polícia Federal para encaminhar os casos criminais, além de contar com colaboração do Google para obter informações dos usuários, caso seja necessário em alguma investigação. Além disso, a Safernet estuda os comportamentos dos jovens na internet através de pesquisas, enquetes e produzem material educativo como revistas, encartes, peças publicitárias e cartilhas. O trabalho tem sua atenção voltada para a sexualidade, já que constitui a maior parte das causas dos crimes e violências psicológicas.

Segundo Filipe Buranelli, um dos orientadores online na Safernet, no atendimento do Helpline não há o retorno da pessoa após a consulta, não há o feedback que a psicoterapia fornece. “Você atende, fala 20 minutos, uma hora, até duas, a pessoa sai e você não tem ideia do resultado nem do que ela vai fazer”, afirma Buranelli. Essa é uma das principais diferenças entre a terapia online e a terapia presencial (psicoterapia).

# Medo de falar em público afeta relações sociais

## Timidez e complexo de inferioridade são os grandes vilões quando chega a hora de falar em público



Bruna Castelo Branco/LabFoto

**Ednilson Sacramento**

Falar em público é um dos maiores medos da humanidade, concorrendo até com o medo da morte. Muitas pessoas afirmam que as causas mais fortes para os seus medos estão ligadas a situações constrangedoras na infância, na escola e no ambiente familiar.

Apesar de não se considerar uma pessoa tímida, Adinaílides Souza, 28, afirma que a insegurança pode interferir no desenvolvimento da apresentação de um trabalho na Faculdade. “Quando faço uma apresentação sozinha a insegurança diminui pois confio em mim, mas quando sou obrigada a fazer uma apresentação em grupo, a tensão aumenta porque tenho que confiar nos outros”, explica.

Para a estudante Ramana Vasconcelos, a timidez é uma das causas do seu embaraço para falar em público. Ela percebe que tem muita dificuldade de expressar seus pontos de vista oralmente. Ao afirmar que sente dificuldade em concatenar as idéias, contudo revela – se cética em relação a buscar um tratamento psicoterapêutico.

Para algumas pessoas, como é o caso da jovem N.D.A., - que não quis se identificar - a dificuldade de sociabilizar é tão forte que, embora tenha con-

cordado em falar sobre o assunto, preferiu ficar no anonimato. “Me considero tímida porque quando percebo as pessoas me olhando, fico nervosa, gaguejo, minha voz falha e por vezes falo o que não queria dizer”, afirma reconhecendo que essa situação a atrapalha muito e confessa que as pessoas a consideram insegura e sem competência para exercer certas tarefas na vida profissional.

“Fico nervosa, gaguejo, minha voz falha e por vezes falo o que não queria dizer”

Com base na abordagem da psicologia social que analisa o comportamento humano a partir da combinação entre estrutura social e subjetividade, o enfrentamento da timidez requer um diagnóstico individual acompanhado de um planejamento de superação das dificuldades, conforme cita a psicóloga Denise Lemos. Ela afirma que a timidez pode ser compreendida a partir de três processos fundamentais e aponta, a princípio, o medo de emitir uma opinião e esta não ser aceita.

“Essa situação coloca a pessoa no lugar do não saber, esse lugar tem conotação afetiva e pode significar ‘não gostam de mim’, caso comum a indivíduos que sofreram repressão familiar, por exemplo” explica.

Outro fator importante que opera na configuração da timidez, segundo Denise é o medo de explicitar uma opinião própria e a mesma ser considerada como estranha.

Uma das necessidades fundamentais do ser humano é a busca pelo reconhecimento e isso, na opinião da psicóloga, está associado à concordância com os valores e crenças do grupo social.

Na visão de Denise o terceiro fator relaciona-se com uma motivação oposta, isto é, o indivíduo não fala por achar que não vale a pena, o seu ponto de vista é superior e que as pessoas não vão compreendê-lo.

Além da psicologia, aulas de teatro e consultas a fonoaudiólogos, pessoas que sofrem com a necessidade de falar em público recorrem, por vezes, a profissionais que ensinam como conquistar a arte de falar em público.

Segundo Jairo Mendes, professor de Oratória e Marketing Pessoal, o medo que acomete essas pessoas é a preocupação que temos de não sermos aceitos pelos ouvintes, medo de falhar e do ridículo. Em suas aulas, afirma que “os mais tímidos não suportam ser o centro das atenções e muitos se consideram inferiores aos demais” e resume o estado de pânico sinalizando que o nosso corpo libera uma grande quantidade de adrenalina e podemos sentir a boca seca e até tremores.

Afirma Mendes que nenhuma técnica substitui o treino e que somente a prática será capaz de ajudar os acanhados a vencerem os obstáculos. Além do treino e do domínio sobre o tema que deseja falar, o professor recomenda chegar cedo ao local aonde vai falar, fazer um roteiro do tema a ser abordado e gravar as apresentações para posterior aprimoramento.

# Violência obstétrica: a saída é a humanização do parto

## Parto humanizado harmoniza os desejos das mulheres com os cuidados médicos

Amanda Moreno

Mulheres são vítimas de violência obstétrica em consultórios e hospitais das redes pública e privada de saúde diariamente. Também é uma prática médica comum a indução dos partos cesarianos sem necessidade, o que, segundo especialistas, pode trazer riscos para a vida da mãe e a da criança. A saída encontrada por muitas parturientes é procurar um local especializado em partos, ao invés de recorrerem a hospitais convencionais.

De acordo com informações da defensoria pública de São Paulo e de especialistas no assunto, são consideradas como violência obstétrica ações como a infusão intravenosa para acelerar o trabalho de parto (com ocitocina sintética) sem necessidade, a realização de pressão sobre a barriga da parturiente para empurrar o bebê (chamada de “manobra Kristeller”), o uso rotineiro de lavagem intestinal, a retirada dos pelos pubianos (tricotomia), o exame de toque excessivo para verificar a dilatação, privar a mulher da presença de acompanhante, deixar de oferecer métodos naturais que amenizem a dor, ou prescrever jejum para a gestante, o que faz mal para mãe e para o bebê.

Também é considerada como violência obstétrica a episiotomia indiscriminada (o corte entre o ânus e a vagina para facilitar a saída do bebê). Embora a Organização Mundial da Saúde (OMS)

determine critérios e cautela para adoção deste procedimento, a prática é recorrente. Relatos de humilhações praticadas por profissionais de saúde que dizem frases como “na hora de fazer não gritou” e “se você não parar de gritar, eu não vou mais te atender”, também se enquadram neste tipo de violação dos direitos das mulheres.

De acordo com a diretora de gestão do cuidado da Secretaria de Saúde do Estado da Bahia (Sesab), Liliane Mascarenhas, fazer questionamentos à mulher que chega a unidade de saúde quando ela está em situação de abortamento, negar atendimento, ameaçar, culpabilizar ou coagir com a finalidade de confissão e denuncia a polícia, também é violência obstétrica.

“Sofri violência obstétrica quando realizei meu parto normal no ano passado [2013], todas as intervenções que a OMS consideram inadequadas foram praticadas. Fui mantida deitada durante todo o trabalho de parto, fui induzida a fazer jejum, inclusive de água, fizeram episiotomia, manobra de

kristeller e afastamento do bebê após o parto”, relata uma mulher que não quis se identificar em entrevista ao JF através de internet. Ela, que faz parte de um grupo de ativismo contra a violência obstétrica em Santa Catarina, ainda ficou com a cicatriz da epi-

siotomia e está montando o processo para entrar com ação indenizatória.

Representante do movimento que defende o parto humanizado em Salvador, Hellen Chang,

“Parto normal não é sofrimento”



Arquivo pessoal

**Nathalie Pinheiro logo após o seu primeiro parto e acompanhada de seu esposo.**

realizou o primeiro parto cirúrgico (cesárea) em 2010. “A médica disse: ‘ou você faz uma cesárea ou terá de procurar outro médico’. Durante o pré-natal, sofri ameaça e pressão psicológica para realizar a cirurgia. Fui vítima de violência obstétrica por conveniência financeira. A cesariana foi horrível, me senti um produto. Havia assistentes, médicos, enfermeiros, anestesistas e eu fiquei incapacitada de participar. Eu não fiz minha filha nascer, nasceram ela. Na hora do nascimento, eu senti um vazio tão grande, um vácuo. Apesar da cesariana salvar vidas, não é para ser feita a torta e a direita”, desabafa.

“

**Eu não fiz minha filha nascer, nasceram ela**

”

Após o trauma provocado pela cesariana, Hellen, assim como outras mulheres que receiam sofrer violações dos seus direitos, preferiu procurar uma casa de parto, especializada na humanização do parto, quando engravidou do seu segundo filho no ano passado. “No meu segundo parto eu queria um ambiente familiar e que minhas decisões fossem respeitadas. Fiz um parto domiciliar e foi uma experiência linda, amorosa, com respeito, sem nenhuma intervenção, sem medicamentos e sem cortes”, conta. Segundo Hellen, o parto humanizado visa resgatar o protagonismo da mulher no processo no nascimento do bebê, respeita a maneira como ela quer ser tratada e como o bebê quer ser tratado.

De acordo com pesquisa realizada entre 2011 e

2012 pela Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz) com o Ministério da Saúde, o Brasil é recordista dos partos feitos por cesarianas, com índice de 52%, enquanto a taxa recomendada pela OMS é de 15%. Na rede privada, o número sobe para 88%, chegando a mais de 90% em algumas maternidades. A intervenção deixou de ser um recurso para salvar vidas e passou, na prática, a ser regra. “Há uma série de fatores que influenciam que a mulher faça uma cesariana, como a praticidade que ela oferece ao médico e

“

**Nem todas as mulheres têm consciência do que é a violência obstétrica**

”

o medo de não encontrar vagas no hospital na hora do parto. Entretanto, é importante que o bebê nasça no dia que ele estiver pronto”, explica o médico obstetra José Carlos Gaspar. “A mulher precisa ver o parto normal não como sofrimento, mas como a celebração da vida e do amor”, completa.

A administradora Nathalie Pinheiro procurou alternativas ao hospital convencional por ter medo de sofrer violência obstétrica, principalmente por receio de fazerem episiotomia e separarem o bebê dela, levando-o para o berçário. “A hora do parto foi maravilhosa, eu estava com meu marido e minha doula, ouvimos nossa música favorita [Prato de Flores - Nação Zumbi], não ficaram me gritando pra fazer força ou silêncio. Eu não aguentava a dor que era deitar, pude parir sentada numa banquetta própria para parto, coisa que eu não encontraria num hospital”, relata.

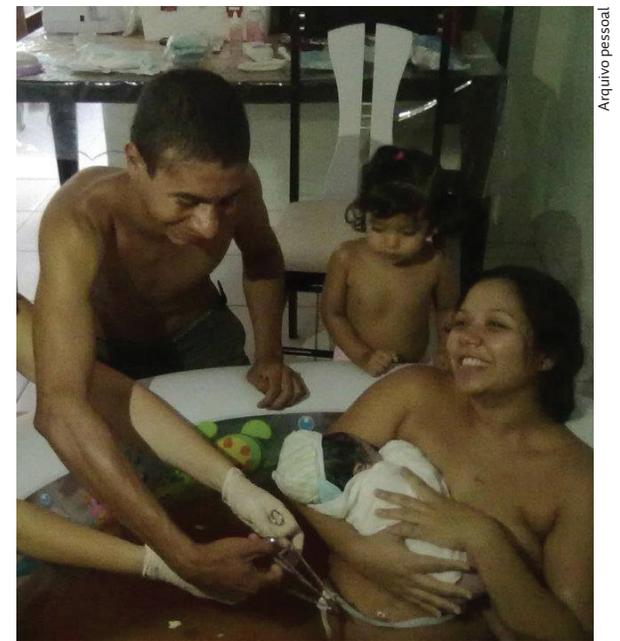
Há diversos fatores que caracterizam a humanização do parto, mas o principal deles, segundo o médico José Carlos Gaspar, é o respeito que deve haver às opções e escolhas da parturiente. A adoção de posições que a deixem confortável e que a façam sentir menos dor, como o acesso a escada de ling, ao cavalinho e ao banquinho (equipamentos que ajudam no trabalho de parto). Outras ações podem contribuir para a humanização do parto, como a liberdade de movimentação, o apoio contínuo pela doula (assistente de parto), a ambiência do local e a privacidade.

### **Denúncia**

De acordo com a cartilha distribuída pela Defensoria Pública de São Paulo, existem países como a Venezuela e a Argentina nos quais a violência obstétrica é reconhecida como crime cometido contra as mulheres. Este reconhecimento garante que o crime seja prevenido, punido e erradicado. Para que

este problema seja superado, é necessário conhecer a realidade com a qual estamos lidando, através de pesquisas e do monitoramento dos serviços de saúde; denunciar os abusos, assim como apurar e julgar os casos que já aconteceram.

“Nem todas as mulheres têm consciência do que é a violência obstétrica. Aos poucos as informações vão chegando através de grupos de apoio, filmes, sites na internet e indicação de amigos. As mulheres que perceberem terem sido vítimas de violência obstétrica precisam procurar a Defensoria Pública de seu estado ou um advogado especializado neste tipo de causa”, afirma a presidente da Artemis, Raquel Marques, organização comprometida com a promoção da autonomia feminina e prevenção e erradicação de todas as formas de violência contra as mulheres.



Arquivo pessoal

**Nathalie Pinheiro logo após o seu primeiro parto e acompanhada de seu esposo.**

### **Denuncie**

Para as mulheres que foram vítimas da violência obstétrica é importante reunir documentos, como cópia do prontuário médico, cartão de acompanhamento de gestação, o cartão da gestante e o plano de parto. De acordo com a Sesab, a denúncia pode ser feita nas delegacias, na Defensoria Pública, no Ministério Público ou na Secretaria Municipal de Saúde. As mulheres também podem denunciar através do Disque Saúde, no telefone 136, e pelos canais de Violência Contra a Mulher, no 180.

# Precisamos Comer!

## A história, rotina e dificuldades enfrentadas por pacientes com compulsão alimentar

Caio Cruz

A obesidade aumentou 6%, no Brasil, entre os anos de 2006 e 2013, segundo dados da Vigilância de Fatores de Risco e Proteção para Doenças Crônicas por Inquérito Telefônico (Vigitel). Salvador teve 15% dos entrevistados categorizados como obesos e, segundo o Ministério da Saúde, as doenças crônicas não transmissíveis, muitas causadas e/ou agravadas pela obesidade, correspondem a 72,4% das mortes no país. Apesar de serem tradicionalmente associados ao extremo emagrecimento, os transtornos alimentares têm relação estreita com o problema da obesidade. Entre os transtornos reconhecidos pela Associação Psiquiátrica Americana está o Transtorno de Compulsão Alimentar Periódica (TCAP), que tem uma ligação direta com indivíduos obesos e atinge principalmente as mulheres.

A psicóloga Fernanda Landeiro, especialista em transtornos alimentares, explica que existem diferenças entre a compulsão alimentar e o TCAP. “Uma pessoa pode ter a compulsão alimentar e não ter necessariamente um transtorno. Para ser transtorno, deve ser constante e com uma grande quantidade de comida - é comer em um tempo determinado uma maior quantidade de comida do que outras pessoas comeriam”, explica. Mas a própria conceituação do problema é complicada, pois como determinar o que é uma grande quantidade de comida? E quanto é um tempo menor? A médica afirma que, na prática clínica, é mais fácil de demarcar os absurdos alimentares que um paciente comete. Chegam a comer tudo que encontram na dispensa e na geladeira até se sentirem excessivamente cheios e culpados. Segundo Landeiro, os pacientes ficam presos num ciclo difícil de ser quebrado. “Ele tenta fazer uma dieta, não consegue cumprir aquela restrição, tem um episódio de compulsão e isso gera culpa e sentimentos de incapacidade, piorando sua autoestima, o que termina levando a uma dieta restritiva e novamente à compulsão”, explica.

Os comedores compulsivos têm alimentos que são chamados de gatilhos - aqueles que causam os episódios de compulsão -, geralmente carboidratos e doces. Elisa (nome fictício), 52 anos, lembra-se de pensar obsessivamente em comida desde muito cedo e construía um mapa da cidade de acordo com os alimentos que mais gostava. “Era um mapa gastronômico. Nessa época, eu só pensava compulsivamente, mas não chegava a comer. Com

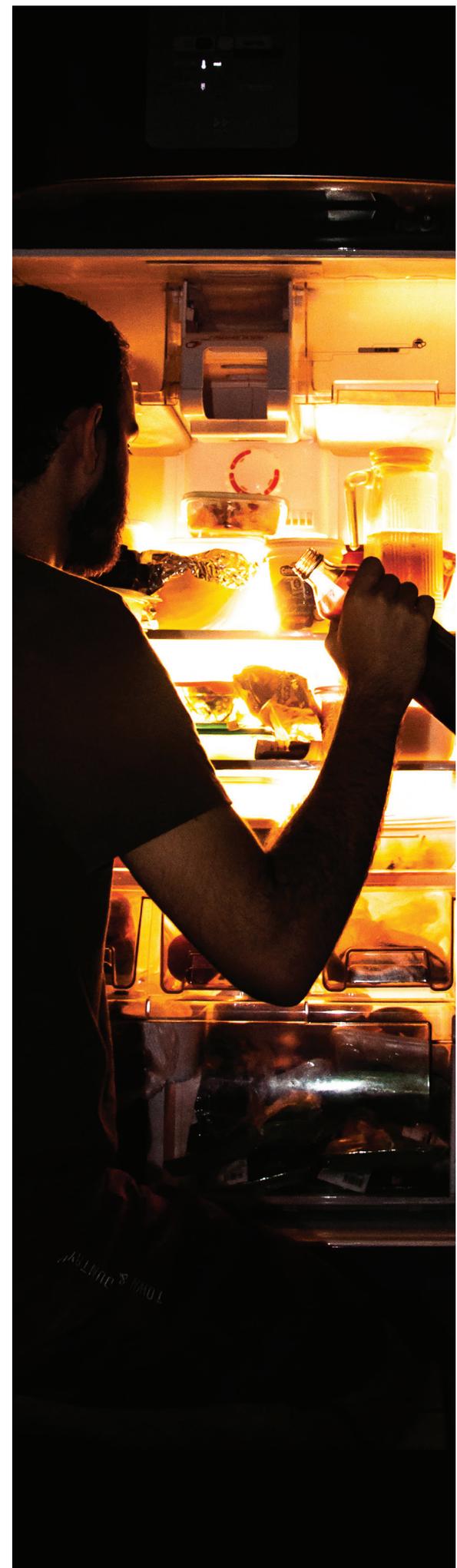
sete anos, comecei a comer compulsivamente leite em pó, escondida da minha mãe”, relata. A partir daí, ela se tornou uma adolescente obesa e tentou todas as dietas possíveis, mas ao alcançar o peso ideal sempre ganhava tudo de novo e, às vezes, até mais do que antes. “Quem passa pela doença, passa pelo inferno. Sofremos preconceitos por sermos obesos enquanto estamos passando por um transtorno psicológico muito grande”, lamenta.

Uma pesquisa realizada no sul do Brasil pela Revista Brasileira de Psiquiatria mostrou que 82% dos adolescentes entrevistados estavam insatisfeitos com o próprio corpo. Entre as meninas, 55% desejavam pesar menos e 28% pesar mais e, entre os meninos, 43% dos entrevistados revelaram que queriam pesar menos e que 76% deles não estavam satisfeitos com a sua figura corporal. A insatisfação com o corpo é um quadro comum para quem sofre com algum tipo de transtorno alimentar e com a compulsão não é diferente. Segundo a psicóloga Fernanda Landeiro, a relação entre os transtornos alimentares e outras doenças mentais é corriqueira. “Chamamos isso de comorbidade [doenças que predisõem o paciente a desenvolver outras doenças]. Então, é muito comum que tenhamos um quadro de depressão e/ou ansiedade e de transtorno de personalidade ligados aos transtornos alimentares”, explica.

### Dificuldades

A compulsão alimentar traz uma série de dificuldades para quem convive com a doença. Cláudia,

“Procure um psicólogo ou psiquiatra para que seja feito um diagnóstico”



Milena Abreu/LabFoto

O TCAP atinge cerca de 2% da população mundial e 30% dos obesos segundo Associação Psiquiátrica Americana

46, uma das fundadoras do Comedores Compulsivos Anônimos (CCA) em Salvador, explica que para cada pessoa se relaciona de uma forma com a alimentação, e identifica semelhanças da doença com o alcoolismo. “Uns comem só durante o dia, outros só pela noite, outros só de madrugada, outros comem direto da embalagem, outros jogam no lixo e pegam de volta para comer. No meu caso, pensava em comida o tempo inteiro, obsessiva mesmo, conversava com alguém imaginando o que iria almoçar”, conta.

A doença termina trazendo dificuldades para os relacionamentos pessoais e profissionais. No caso de Cláudia, alguns amigos a informaram que ela não conseguiu um cargo de gerência na empresa em que trabalhava devido ao seu peso elevado. Para Elisa, a doença é desmoralizadora. “Só queria ficar trancada em casa, eu preferia a comida às pessoas. As relações vão por água abaixo, porque ninguém aguenta ficar com alguém assim. Quando as roupas não cabem mais, você não quer ir para o trabalho e isso tudo te prejudica”, lamenta.

### Tratamentos

O grupo de apoio “Comedores Compulsivos Anônimos” (CCA) surgiu nos Estados Unidos nos anos 1980, tendo como base a metodologia dos 12 passos (ver Box) utilizada em organizações como o Alcoólicos Anônimos. Na Bahia, existem três grupos de reunião do CCA, dois na capital\* e um em Itabuna. O CCA é um grupo de ajuda mútua e não tem ligação com nenhuma instituição religiosa ou financeira. A participação é gratuita e a entidade não aceita doações de terceiros.

As reuniões são coordenadas pelos próprios participantes, sempre um comedor compulsivo, e não é permitido divulgar o que ocorre nos encontros. “O programa consiste em 12 passos e 12 tradições. Os 12 passos são para auxiliar na recuperação e imagina a doença em três níveis: corporal, emocional e espiritual”, explica Cláudia. Segundo a fundadora do grupo em Salvador, não é oferecido tratamento médico nas reuniões e os novatos são orientados a procurar um psicólogo, nutricionista ou endocrinologista para acompanhamento. “As 12 tradições são para manter o grupo unido, pois, não falamos sobre coisas de fora e não somos um clube de dietas” afirma.

Para Elisa, o CCA a ajudou ao trabalhar os defeitos de caráter, as emoções além de ter uma relação com a espiritualidade. “Eu senti muita dificuldade no primeiro ano, porque eu não aceitava o programa. A partir do momento em que aceitei, as coisas foram mudando. Recomendaria o programa para qualquer pessoa com a minha



Milena Abreu/LabFoto

doença, porque ele salva vidas”, ressalta.

Segundo a especialista Fernanda Landeiro, apesar de grupos como o CCA serem importantes para auxiliar quem está passando por dificuldades devido ao comer compulsivo, o tratamento profissional é fundamental. “O tratamento mais indicado para compulsão alimentar é a associação da terapia cognitiva comportamental com o uso da bupropiona que controla os impulsos. Mas, para cada paciente isso pode mudar” alerta a médica. A terapia cognitiva comportamental consiste em mexer com os pensamentos que geram sentimentos negativos no paciente, tentando mudá-los para que ele se sinta melhor em relação a si mesmo e consiga diminuir, conseqüentemente, os quadros de compulsão.

Landeiro ressalta, ainda, importância de que o diagnóstico da compulsão alimentar seja feito por um médico. A psicóloga conta que é muito comum pacientes chegarem a seu consultório afirmando que têm compulsão, e ao fazer perguntas simples, a médica descobre que não é bem o caso. “Procure um psicólogo ou psiquiatra para que seja feito um diagnóstico apropriado e o tratamento especializado possa ser iniciado”, informa.

Segundo a Secretaria de Saúde do Estado da Bahia (Sesab) não existem centros especializados no tratamento de transtornos alimentares na Bahia, mas o Centro de Referência Estadual para Assistência ao Diabetes e Endocrinologia (Cedeba) e o Ambulatório de Obesidade Grave do Hospital

das Clínicas da Universidade Federal da Bahia podem oferecer tratamentos psicológicos para pacientes com compulsão alimentar.

“Quem passa pela doença, passa pelo inferno”

### O Programa de 12 passos

Segundo relata o livro “As Doze Tradições” o programa 12 passos foi criado por Bill Wilson e Bob Smith em 1938, com a fundação do primeiro grupo dos Alcoólicos Anônimos nos EUA. O programa atendia inicialmente pacientes com alcoolismo, mas depois foi estendido para praticamente todas as dependências. Utilizados por grupos de autoajuda, os mais conhecidos no Brasil são o Alcoólicos Anônimos e o Narcóticos Anônimos. Os grupos se reúnem regularmente para discutir problemas, compartilhar vitórias e oferecer apoio mútuo. Uma das características amplamente conhecidas do programa é a tradição de, nas reuniões, os participantes se apresentarem pelo primeiro nome e admitirem que têm um problema. Segundo o site do CCA Salvador ([www.ccasalvador.zip.net](http://www.ccasalvador.zip.net)), o 1º Passo do CCA é admitir a impotência perante a comida e que tinha perdido o domínio de sua vida.

\*O grupo de CCA Com Viver se reúne aos sábados no Centro Comunitário da Pituba, das 10h às 12h. Telefone: (71) 9116-1093.

# Programa da UFBA quer implantar tratamento com plantas medicinais no SUS

## “Farmácia da Terra” também atua no resgate da herança popular ligada à fitoterapia

Matheus Vianna

A fitoterapia é o tratamento médico no qual se utiliza plantas medicinais e substâncias naturais no tratamento do paciente. Esse método remete ao início da medicina, cujos conhecimentos eram passados através das gerações. No Brasil, muitos indígenas utilizavam e continuam utilizando tratamentos com chá de folhas e outros remédios fitoterápicos. Na Universidade Federal da Bahia (UFBA) existe o programa de extensão Farmácia da Terra, institucionalizado em 1998, com o objetivo inserir essa prática no Sistema Único de Saúde (SUS). “Além dessa inserção, o projeto incentiva a formação de profissionais capacitados para um mercado de trabalho em amplo crescimento”, salienta a coordenadora e professora do Farmácia da Terra, Mara Zélia de Almeida. O programa funciona através de recursos da Fundação de Administração e Pesquisa Econômico-Social (Fapes), Ministério da Saúde e Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Além dos professores e pesquisadores colaboradores, o programa oferece bolsas para alunos da graduação. Outra grande preocupação do programa é fazer um resgate da herança popular, ligada a esse tipo de tratamento, aqui no estado da Bahia. Uma das iniciativas ligadas a esse tipo de resgate é o projeto realizado no município de São Francisco do Conde, em parceria com a prefeitura local, que inclui também a comunidade quilombola da região.

Também são elaboradas cartilhas informativas sobre fitoterapia com a participação da população. “Esse tipo de projeto resulta num empoderamento e participação popular para as mobilizações sociais, além de uma maior participação nas decisões de saúde do município”, analisa a professora. No entanto, há muitas dificuldades logísticas e financeiras, segundo ela. “Os deslocamentos de alunos e professores, que têm as suas atividades principais aqui em Salvador, são difíceis e não há verbas



nos projetos para pagar coordenadores e professores, somente bolsas para alunos”.

### Política Nacional

A inclusão do uso de plantas medicinais e fitoterápicos no SUS no Brasil começou a ser debatida em 2003 nas Conferências Nacionais de Saúde, a partir de recomendações da Organização Mundial de Saúde (OMS), feitas na década de 70 com o Programa de Medicina Tradicional

Essa discussão foi institucionalizada pela Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares do SUS (PNPIC), aprovada em 2006, que inclui outras práticas complementares como a medicina tradicional chinesa – acupuntura – e homeopatia. O documento estabelece diretrizes e responsabilidades institucionais para a correta implantação e adequação dessas práticas no SUS. “Essa política é importante para a geração de verba para implantar os programas municipais, além de capacitações de servidores do SUS” diz Mara Zélia.

A coordenadora do Farmácia da Terra também lidera o Núcleo de Plantas Medicinais e Fitoterápi-

cos da Bahia (FITOBAHIA) da Secretaria Estadual de Saúde do estado da Bahia (Sesab) e afirma que

o estado ainda está em fase de implantação e enfrenta dificuldades. “Além de qualificação técnico-científica, são necessárias verbas e organização interna para gerir novos projetos pelo setor estadual, para que então seja executada pelos poderes municipais”, analisa a professora.

No estado da Bahia, apenas cinco municípios foram mobilizados e passaram por capacitações, entre eles, São Francisco do Conde, realizado com recurso captado pelo “Farmácia da Terra” em convênio com a prefeitura local. Entretanto, as dificuldades de orçamento para elaboração e manutenção de projetos persistem. “Todos os projetos estão sendo realizados sem a verba prevista pelo convênio Sesab-UFBA, que inclusive expirou agora em maio, e a verba estadual do convênio ainda não foi repassada à UFBA”, lamenta a coordenadora.

“O projeto resulta no empoderamento e participação popular”

# Microempresas, gigantes negócios

Microempreendedores Individuais são exemplos de como uma ideia pode ser transformada em empreendimento sem dificuldade

Filipe Moreira

## Microempresas, gigantes negócios

Microempreendedores Individuais são exemplos de como uma ideia pode ser transformada em empreendimento sem dificuldade

Atualmente, nenhuma atividade está desassociada do conceito de empreender. Empreendedor, é aquele que testa/consegue fazer algo (geralmente difícil) e segue à risca para adentrar o competitivo mundo dos empresários. A mais recente forma de tentar pôr uma ideia em prática, com fins lucrativos, se chama Microempreendedorismo Individual ou MEI. Esta forma de pessoa jurídica, surgida em 2009, facilita a abertura de novas pequenas empresas, e tem como principal objetivo tirar os trabalhadores informais da ilegalidade. Juntamente ao governo, o Sebrae é contribuinte para a ascensão de MEIs no país, além de ser o órgão gestor da legislação desses empreendimentos (através da Simples Nacional) que contribuem para sua missão de “Promover o empreendedorismo no Brasil com o objetivo de desenvolver a economia de forma sustentável”.

A legislação delimita um faturamento de até 60 mil reais a este empresário, e ele não pode atuar como sócio de outras empresas - no máximo ter um empregado -, com salário mínimo ou piso salarial de sua profissão.

“Esta forma de pessoa jurídica facilita a abertura de novas pequenas empresas”

Ugo Mello, microempreendedor individual, que fundou a empresa Cinco Sentidos Comunicação e Cultura, em 2011, fala que escolheu se tornar MEI pelas facilidades, como no processo de emissão de

notas fiscais e pagamento de tributos. Ele explica: “Como eu já atuava como pessoa física, pesquisando, vi que era muito mais interessante ter um CNPJ como MEI, que era uma empresa de uma pessoa e já o primeiro passo nesse mundo empresarial. Ao invés de começar como microempresa, começar como MEI”.

O MEI é enquadrado na Simples Nacional, regime de arrecadação, cobrança e fiscalização de tributos de Microempresas e Empresas de Pequeno Porte, e por isso tem isenção de tributos federais, pagando taxas de impostos que variam entre R\$35,00 e R\$50,00, valores que incluem tributos para Previdência Social, Imposto Sobre Circulação de Mercadorias e Serviços (ICMS), Imposto Sobre Serviços (ISS), além de outros. Sendo MEI, o empresário tem direito a não pagar a utilização de alguns serviços contabilistas em seu primeiro ano, essas são suas principais vantagens. No entanto, este ponto da legislação do Simples Nacional causa certa polêmica e divide a opinião de contabilistas entre os que julgam errado se cadastrar na Simples Nacional e realizar serviços sem remuneração e, os que enxergam oportunidades para novos clientes.

O contabilista da Orcon Contabilidade, Tiago de Lannes, 29, explica, que na sua visão, não há problemas quanto ao serviços não-remunerados que devem ser prestados aos MEI. “A contrapartida para a opção pelo Simples Nacional (para os contabilistas) é de que os escritórios contábeis procedam com o registro e legalização dos microempreendedores individuais, assim como realizem a entrega da primeira declaração anual (do sistema tributário, Simples Nacional). Vejo como uma oportu-



Ugo Mello, microempreendedor individual, fundou a empresa Cinco Sentidos Comunicação e Cultura

“É o primeiro passo nesse mundo empresarial”

tunidade para captação de novos clientes e a declaração é algo muito simples”.

Lannes ainda defende a necessidade de maior difusão da legislação. “Somente a inscrição e a primeira declaração são gratuitas, mas eles acabam tendo outras necessidades ao começarem realizar suas atividades, é o caso, por exemplo, da contratação de empregados”, ele acrescenta. O Portal do Empreendedor, na visão do contabilista, é uma boa forma de direcionar os novos empreendedores, mas ainda não é o suficiente para que eles possam gerir a parte financeira da empresa. A terceirização desta parte, faz o empresário ficar mais focado no seu objetivo principal”.

Segundo dados do Sebrae, os MEIs já totalizam um número de 264.742, até abril deste ano, o que impulsiona o crescimento econômico da Bahia, “os MEI influenciam no crescimento econômico da Bahia e do Brasil na promoção do empreendedorismo formal, com foco na inclusão produtiva dos pequenos negócios”, disse Mariana Cruz, analista de primeiro atendimento do Sebrae, pessoa encarregada dos primeiros direcionamentos aos possíveis novos microempreendedores individuais.

# Ironia presente na partida de Setaro

## Professor e crítico de cinema falece a um mês da sua aposentadoria



Patrick Silva

Cinema na UFBA. “Houve uma vacância, por algum problema na Universidade e o nome dele foi indicado. Então o colega André passou a ser meu professor”, lembra Franca Rocha. Nos anos 90, sua coluna na Tribuna se tornou semanal. Nesta época, concluiu mestrado em Artes e Cinema na UFBA. “Foi o professor que mais influenciou minha formação cultural. Despertava, nos alunos, o amor pelo cinema”, afirmou o jornalista Carlos Ribeiro, organizador dos artigos do crítico Setaro publicados nos livros “Escritos sobre cinema – Trilogia de um tempo crítico”. A dramaturga Aninha Franco também foi sua colega na Escola de Direito. “Nossa amizade se deu porque gostávamos de arte: eu de literatura e ele de cinema. Era dos poucos humanos que pensava, com competência, o Brasil”. Seus artigos alimentavam dois blogues: um intitulado “Blog do Setaro”, abrigado no portal Terra Magazine e outro particular, o Setaro’s Blog, ambos voltados para a crítica cinematográfica. “Foi o maior conhecedor de cinema na Bahia depois de Walter da Silveira”, destacou o amigo e jornalista Florisvaldo Mattos. “O cinema perde um defensor”, bradou o cineasta Roque Araújo.

### Repercussão na Facom

A diretora Suzana Barbosa, em nome da Faculdade de Comunicação, emitiu nota de pesar, suspendendo as aulas na sexta-feira, dia 11. O professor, dali a um mês, entraria com pedido de aposentadoria. “Nosso decano da faculdade, professor desde abril de 1979. Reconhecido não só na Bahia, mas também fora dela, deixa uma perda sentida em várias gerações de alunos e amigos, uma lacuna no cenário cultural da cidade, juntamente com João Carlos Sampaio, falecido recentemente, e que também aprendeu com ele”. A professora e ex-aluna, Malu Fontes, recorda a convivência. “Ele era um grande personagem: os óculos escuros, o tom de voz monocórdio, o cigarro, o ar condicionado aos 17 graus em suas aulas, embora com semblante contido, apresentava um humor, um sarcasmo, uma ironia. Ele inoculou em mim o gosto pelo cinema, pelos grandes cineastas”. Alunos recentes pedem pra falar. “Fiz questão de pegar Oficina de Audiovisual. Ele lembrava meu avô, tinham os mesmos problemas

### Vitória Régia Sampaio

O primeiro a comparar a semelhança entre o corpo de Setaro ao do personagem Quincas Berro d’Água, de Jorge Amado, foi justamente seu amigo desde os anos 70, o cineasta e diretor do IRDEB, Pola Ribeiro. “Parece o sorriso de Quincas. Ele está ali olhando pra gente como a dizer: nós que aqui estamos por vós esperamos”. Acometido por um infarto na madrugada do dia 09 de julho, o professor e crítico de cinema, André Olivieri Setaro, 64 anos, veio a óbito às 12:50 h do dia 10, no Hospital Santa Izabel. Em seu velório, no cemitério do Campo Santo, era grande a movimentação de admiradores que foram se despedir para prestar-lhe uma última homenagem. “Não cheguei a ser surpreendido”, revela o irmão João Setaro. “Ele não seguia as prescrições médicas mesmo depois de uma cirurgia em que colocou 5 pontes de safena, em 2006”.

### Um defensor do cinema

Natural do Rio de Janeiro, com a perda do pai aos 3 anos de idade, sua família de origem italiana voltou para a Bahia. Apaixonado por cinema desde menino, passou a frequentar o cineclube do professor Walter da Silveira, um dos maiores críticos e estudiosos de cinema no Brasil, de quem se tornou

discípulo. Formou-se em Direito na UFBA e, a partir de 1974, passou a escrever críticas diárias sobre cinema, no jornal Tribuna da Bahia. “Via todos os filmes. Era um investigador do cinema. Entrava numa sessão e quando gostava, repetia outra vez. Um afixionado”, observou o advogado Aloísio da Franca Rocha Filho. Em 1979, aluno de Comunicação no Canela, por acaso tornou-se professor adjunto de



Patrick Silva

de saúde: eram diabéticos, fumavam e gostavam de beber. E morreram do mesmo jeito também. Parecia desapegado da questão da morte, um espírito evoluído”, avalia o aluno de Jornalismo, Vinicius Arnaut, 23 anos. Helen Chaves, aluna do Bacharelado Interdisciplinar, 20 anos, se emociona. “Admirava sua humildade. Apesar de ser uma pessoa reconhecida e do grande professor que era, não se privava de ajudar os alunos. Compartilhava as dificuldades diante do agravamento da doença e da depressão. O que mais me tocou, no nosso último dia de aula, foi ele me agradecer por tê-lo ajudado a fechar a sala, pegar o taxi. Hoje tenho honra disso. Acredito que a alegria dele era dar aulas, uma espécie de refúgio, onde até filosofava, mostrava seu humor sarcástico”. O servidor público Romenil Silva, operador dos equipamentos para as aulas, traz a voz embargada. “Grande Setaro, amizade de boemia. Conversávamos sobre tudo, mas cinema não entrava no roteiro. Chegava, sentava nesta cadeira, acendia um cigarro e falava com a voz grave: vamos ao Espanha [Armazém Espanha, nos Barris] hoje? Comprava 4 a 5 carteiras de cigarro. Tinha que ter as cervejas e os cigarros. Descanse em paz”. Alguns alunos vinham planejando fazer um filme surpresa para exibir ao professor na despedida da Universidade. Mas ele partiu antes. “Filmagens marcadas, atores, locações, depoimentos escalados, etc. Seria e será um docudrama, mistura de ficção com documentário, bem a cara dele. Estamos mantendo e até ampliando a idéia inicial”, revela Analú Ribeiro. “Numa das cenas representaremos sua obsessão por Brigitte Bardot”, conclui.

#### **Contratempos e rituais**

Marcado para as 11 horas, às 11:30 h começou a haver engarrafamento de caixão, no corredor. O sistema do cartório caiu, os documentos, à espera de liberação. A maioria dos presentes permaneceu. Adalberto Meireles, crítico de cinema, pontua o jeito receptivo. “Irreverente, generoso, aberto e disposto a falar de cinema. Carregava a nostalgia de um tempo em que a cultura era mais valorizada. Chegou a contribuir para os jornais A Tarde e Gazeta Mercantil. Deixa um vasto material para se debruçar e encontrar pérolas”. Esta era a preocupação do irmão, João. “Gostaria de garantir que não se perca o acervo de André. O mais interessante seria ficar aos cuidados da Facom, servindo de material de consulta”. A perda do crítico é lamentada pelo cineasta Tuna Espinheira. “Ele deixa um legado e um vazio. Não será substituído tão cedo por sua capacidade de escrever sem se preocupar em adular – papel difícil e fácil de arranjar inimidade”. O cortejo segue. Próximo à tumba, aplausos e vibrações. “Viva Setaro!”. O caixão desce mas não se encaixa. Sobe outra vez. Apreensão. Os Coveiros tomam providências. O caixão torna a descer,

aplausos e vivas. Mais uma vez não se ajusta, sobe. Alguém sugere acionar um dos gostos particulares do professor. “Vamos acender um cigarro!”. Cigarro aceso, num ritual, passa de boca em boca, incluindo baforadas densas. Faltou a cerveja para derramar sobre as flores e o esquife. Uma voz feminina simulou o recado de sua Bardot. “On va se rencontrer un jour, mon amour!”. Só assim o caixão desceu em definitivo.

#### **Enigmas**

O professor deixa a terceira esposa Irene Setaro, e a filha Francesca. Recentemente ele vinha externando, nas redes sociais, sites e jornais de circulação, tanto seus problemas relacionados à saúde quanto os da precária situação financeira. Em agosto de 2011 houve o primeiro apelo público e, em abril último, solicitou ajuda para aquisição de remédios. Suas postagens no facebook eram imaginativas, espirituosas e rendiam inúmeros comentários. No entanto, duas delas deixaram intrigados os seguidores. No dia 27 de junho, numa fotomontagem, cena desértica, ele aparece ao lado de outro menor, mãos dadas, caminham portando malas. No alto da imagem, a legenda: “eu e Setarinho, meu filho igual a mim, a caminho de Pasárgada”. Um pressentimento, prenúncio de despedida? Outra postagem, dia 14, três após a morte, inscrição igualmente misteriosa. “O Plano começou dia 11 de Julho, 2014. Obrigado, meus amigos. Estou só, mas não abandonado. Espero o reencontro breve. Sinto não ter concluído o semestre. (...) Voltarei, algum dia”. Uma semana após sua partida, o Jornal da Facom teve acesso ao “cantinho do professor”, na sua casa. Paredes amareladas e o assoalho gasto abrigavam o segredo de toda uma trajetória. Livros enfileirados duplamente em prateleiras metálicas, pastas contendo papéis antigos, fitas VHS, montanhas de DVDs, dois recém chegados em envelopes intactos. Alguns itens chamaram a atenção: o computador geração I, através do qual enviava suas críticas, se comunicava com o mundo; o ultrapassado aparelho televisor no qual via e revia filmes. Sua bengala, pendurada diagonalmente. Sem dúvida, o homem que ali esteve não tinha outro pensamento na vida. Sua dedicação, seu alvo, seu interesse, um só, o Cinema. Ressuscitado 3 vezes na ambulância do SAMU, pronuncia sobre a maca hospitalar a última frase, antes de desfalecer e entrar em coma. “Não posso ficar aqui. Tenho que dar aula amanhã”..

# Futebol Além das Fronteiras

## “Baba” promove integração entre comunidades baianas e torcedores estrangeiros.

Salete Maso

Todo mundo sabe: domingo é dia oficial dos famosos “babas” nos campos de futebol de diversos bairros e praias da cidade. Aquele domingo, 16 de junho, poderia ser como qualquer outro, não fosse pela Copa do Mundo da FIFA, que estava no seu quarto dia. Salvador havia estreado no evento com a goleada de 5 a 1 da Espanha sobre a Holanda na Arena Fonte Nova. O centro de esportes da Universidade Federal da Bahia foi palco de um “baba” diferente, que reuniu turistas e moradores de comunidades soteropolitanas. O evento, organizado pela Football Beyond Borders (FBB) - ou Futebol sem Fronteiras, na tradução para o português-, teve como principal motivação a superação da barreira social existente entre os jogos da FIFA e as comunidades brasileiras.

Com origem em Londres, a FBB - que atua também no Rio de Janeiro - organizou, em Salvador, o torneio de futebol Copa dos Povos, em parceria com a ONG Paciência Viva, localizada na comunidade do Alto de Ondina. O torneio reuniu 35 torcedores estrangeiros de 10 nacionalidades diferentes e 60 moradores de duas comunidades locais, que participaram de 14 partidas de futebol no centro de esportes da UFBA. Segundo Jack Reynolds, um dos fundadores da FBB, o mais importante é o legado de orgulho que o torneio deixa para as comunidades. “Queremos que os nossos amigos da favela se lembrem que a Copa é nossa e não lá nos estádios da FIFA. O futebol é a nossa paixão e é para curtirmos e compartilharmos entre nós”, afirmou.

Além do torneio, o projeto teve a preocupação de garantir retornos financeiros para as comunidades. Para gerar renda para as famílias interessadas em hospedar turistas durante os jogos, a organização divulgou o torneio através dos seus contatos internacionais, e buscou torcedores que estariam aqui durante os jogos com interesse de conhecer a realidade de famílias que moram nas favelas. Estas pessoas pagariam uma diária de R\$70,00 e aproveitariam para conviver com a comunidade no dia a dia. “O dinheiro também é importante para as comunidades, para a sua manutenção. Por outro lado, os estrangeiros têm a oportunidade de co-

nhecer uma parte diferente do Brasil”, acrescenta Reynolds. Segundo Tomas Rodriguez Perez, chefe de comunicações da FBB, cinco famílias receberam turistas em suas casas.

### Superando diferenças

As regras do futebol são universais: a palavra “Gol” é entendida e pronunciada por todos e, quando o juiz apita, todo mundo obedece. Durante as partidas, meninas e meninos, estrangeiros e brasileiros, jogaram juntos. Para Alex Schoolfield, participante do torneio, esta mistura era positiva. Nascida nos EUA, ela treina crianças e jovens no município de New Orleans. “É particularmente interessante, especialmente aqui no Brasil, que não se vê muitas mulheres jogando fora dos torneios oficiais. É importante esta inserção das mulheres dentro do futebol”, defende. Alex veio ao Brasil pela primeira vez para assistir alguns jogos oficiais e, por conta do projeto, se hospedou na casa de moradores da comunidade do Alto de Ondina, pagando diária de R\$70,00, onde ela possui um quarto bem durante a sua estadia na comunidade.

Para Viviane Cazais, moradora da comunidade de Rio Sena o futebol pode integrar e mobilizar as pessoas. “Essa união de homens, mulheres, pessoas de outros países é uma proposta que muda a visão de que futebol tem que ser aquele esporte centralizado e masculino. Aqui está sendo de fato a Copa dos Povos”, comemora. Morador do Alto de Ondina, Laércio Barbosa, 18, considerou a experiência como positiva, sobretudo, pela troca entre culturas. “Todos nós somos iguais, com a diferença de que somos brasileiros e eles estrangeiros. Mas todo mundo é igual e há uma troca de conhecimentos entre a gente”, afirmou.

Além do evento organizado durante a Copa, a entidade pretende realizar outro torneio em Setembro de 2014 e continuar com o projeto de ensinar inglês para jovens e crianças através do futebol, atividade que já desenvolve na comunidade há algum tempo.



Fotos: Salete Maso

# As baianas do Longboard

## Modalidade radical do skate se populariza entre as mulheres de Salvador

Clara Rellstab



Victor Gardellini

Descendo as ladeiras deslizando sobre quatro rodas de um skate em um condomínio fechado do Litoral Norte, um grupo de meninas se reúne para praticar um esporte não muito conhecido em Salvador, mas que já anda fazendo a cabeça de muita gente: o longboard, que reproduz no asfalto manobras do surf.

O esporte é derivado do skate mais popular, o chamado skate street. A diferença está no tamanho das tábuas – com mais de 40 polegadas, que são muito mais largas e compridas, possibilitando uma maior estabilidade, e no grau de dureza elevado das rodas – que garantem uma menor aderência ao asfalto. É na roda que está todo o segredo das manobras "rasgadas" que acontecem em alta velocidade e preferencialmente em ladeiras.

Essencialmente masculino, o longboard tem agradado cada vez mais o público feminino baiano. "As pessoas acham que, pelo 'long' ser mais estável que o skate street, ele é mais fácil. E usam dessa desculpa para justificar o número de mulheres praticando, que é cada vez maior. Mas quem diz isso não sabe de nada", comenta Bruna Neybergh, 23, responsável por movimentar a página do grupo baiano de meninas apaixonadas por este esporte, o Go Long Girls Salvador.

### Go Long Girls Salvador

O grupo teve início em Junho do ano passado, coordenado por Patrícia Metzelaar, que conheceu o longboard através de um namorado que praticava o esporte. Por se sentir deslocada nos treinos dele com seus amigos, decidiu reunir um grupo

de meninas que tinham interesse e curiosidade em praticar o esporte.

Depois de alguns encontros nos finais de semana nas ladeiras do Centro Administrativo da Bahia (CAB), o grupo tomou grandes proporções e conta com mais de 250 amantes do esporte, que se reúnem em um grupo de uma rede social.

Apesar de ser um esporte de rua e de Salvador ser uma cidade repleta de ladeiras, os praticantes do longboard encontram dificuldades para executá-lo dentro da cidade devido às condições do asfalto que atrapalham a execução das manobras e ameaçam a segurança das meninas. "Toda vez que alguém descobre um lugar novo com um bom asfalto para as manobras, a gente tenta manter segredo absoluto, pra não lotar" comenta Letícia, que garante que os melhores "picos" da cidade estão nos condomínios fechados e em espaços privados.

### Vendas

Além dos equipamentos de segurança já conhecidos – capacete, joelheira e cotoveleira, o esporte exige o uso de uma luva especial, produzida em couro e tecido especial, com proteção para os pulsos e palmas da mão. A luva possui um casquilho que reveste a parte interna da mão do atleta e que garante segurança nas manobras em que este apoia as mãos no chão para freiar. Esta começou a ser vendida na cidade apenas em Julho do ano passado.

De acordo com Kevin Bezerra, vendedor de uma loja de esportes e surfwear do Shopping Barra,

apesar de os equipamentos para a prática estarem chegando de maneira tímida às lojas da cidade, as vendas de produtos relacionados ao esporte cresceram 70% entre 2012 e 2013, e a tendência é que se alcance a um crescimento de 100% até dezembro desse ano. "A procura por shapes e equipamentos de longboard tem crescido bastante aqui em Salvador e o público feminino tem se tornado tão presente quanto o masculino", afirma.

Mesmo assim a qualidade dos equipamentos que chegam ao público baiano é inferior aos profissionais. Na maioria das vezes, os praticantes do esporte precisam recorrer a lojas de fora do estado e até do país. Pensando nisso, os jovens soteropolitanos Rodrigo Rocha e Mauro Girão, que praticam o esporte e costumavam trazer seus equipamentos de viagens que faziam para o exterior, resolveram montar uma loja online, a Longboard Unio, que oferece para o público da Bahia os equipamentos que eles ainda não encontram em lojas físicas.

### Panorama

As meninas do Go Long Girls se inspiram num grupo de garotas de Madri, o Longboard Girls Crew, criado em Junho de 2010. Elas perceberam que a energia era diferente quando treinavam só mulheres, então decidiram criar um grupo no Facebook para marcar encontros. Hoje, o grupo tem 150 mil curtidas no Facebook e seus sete vídeos postados no Youtube somam mais de 8 milhões de visualizações. "A coisa mais importante para nós é encorajar cada vez mais mulheres a subirem num skate e começarem a praticar o esporte e mostrar pra elas que nós também podemos", é o que diz Jacky Mandenfrost, fundadora do grupo, em seu site oficial.

No Brasil, o Canal Off da Globosat lançou em Outubro do ano passado, um programa chamado "Curvas e Ladeiras", comandado pela campeã brasileira Reine Oliveira e suas amigas Isabela Nunes, Marília Barroco e Vina Choi. Nesse programa, as meninas deixam claro que o skate longboard não é mais exclusividade do sexo masculino. "De certa forma estamos quebrando padrões e barreiras. Nós somos meninas andando de skate", declara Reine.

“Estamos quebrando padrões e barreiras”

## Humor com sotaque baiano

Com apenas 29 anos, Uelter Ribeiro é o responsável pela websérie que tem levado o humor da Bahia para todo o Brasil

Isabela Garrido

Talvez você não conheça este rosto, mas com certeza conhece o trabalho deste rapaz. Seguindo ele próprio, “ninguém me conhece, não gosto de aparecer”. Mas seus vídeos aparecem. E muito. Formado em Produção Audiovisual, Uelter Ribeiro, ou Deo, como gosta de ser chamado, é um dos fundadores da produtora +1! Filmes, que em 2010 despontou no Youtube com vídeos que retratavam de forma bem humorada o cotidiano do baiano. Começou de forma despretensiosa, como uma brincadeira de estudantes, mas hoje Deo Ribeiro se dedica integralmente a isso, roteirizando, dirigindo e editando os filmes da produtora. E ele já colhe os bons frutos: com mais de 40 milhões de visualizações, os vídeos da +1! Filmes caíram nas graças do público, conquistando fãs não só da Bahia, mas de todo o país. Com apenas cinco anos atuando com produção audiovisual, Deo já tem uma carreira invejável e uma experiência de veterano. Nesta entrevista feita por e-mail, ele nos contou um pouco sobre sua trajetória, suas influências e sobre o sucesso estrondoso da +1! Filmes.

**Jornal da Facom: Você sempre quis trabalhar com produção de vídeo? E com humor?**

Uelter: Eu sempre me interessei pelo Cinema como profissão e sempre me questioneei se conseguiria trabalhar fazendo o que gosto. Apenas trabalhar no meio audiovisual não iria me satisfazer, eu tinha que contar histórias que fossem minhas. O humor surgiu meio sem querer, mas quando aconteceu me pareceu a melhor forma de expressar minhas ideias.

**JF: De onde veio a ideia de retratar o cotidiano do baiano? Há a pretensão de formar um humor tipicamente regional?**

U: Nós somos baianos, então não temos como fugir disso. É uma forma de registrar o nosso cotidiano de maneira natural. O que acontece é que “brigamos” com a influência da TV, que já tem mais de 60 anos impondo seu “padrão de qualidade” e decidindo o que é importante pra ser levado ao público. A gente não fica pensando em falar ou não falar gírias porque alguém de outro estado pode não entender. Às vezes usamos estereótipos e outras não. Não vemos problema nisso. A gente se comunica dessa forma e ponto. Quem quer, entende, e quem quer, reclama. Já ouvimos de baianos que somos regionais demais!

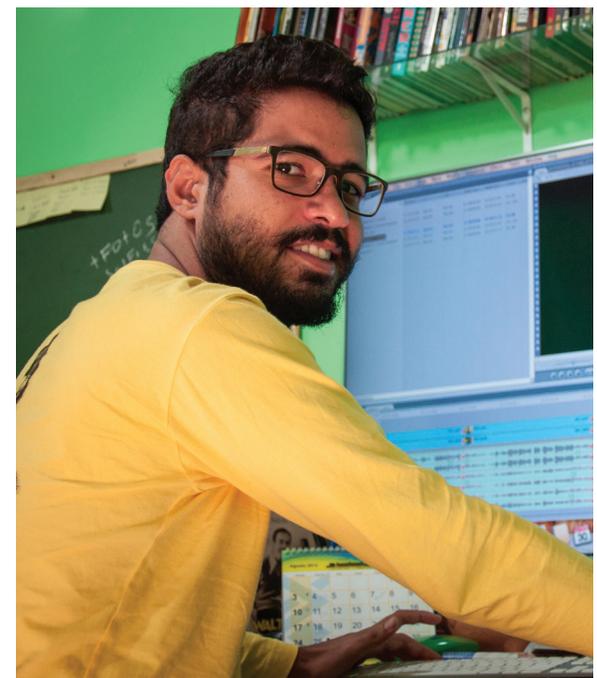
**JF: Você tinha ideia de que a produtora alcançaria tanto sucesso?**

U: A gente só entendeu que as pessoas iam assistir depois que postou o primeiro vídeo e deu duas mil visualizações em uma semana. Hoje temos mais de 40 milhões de visualizações. Não penso muito se vai dar certo, trabalho pra fazer o melhor que posso com o melhor que tenho e espero que as pessoas gostem.

**JF: Como é ser comparado a grandes canais de vídeo de alcance nacional, como Porta dos Fundos e Parafnalha? Eles serviram ou servem de inspiração?**

U: Respeito eles, são muito talentosos, mas não entendo como referência. O Porta dos Fundos é um projeto que nasceu pra ser grande (um dos financiadores do projeto é Luciano Huck). São todos classe média, um deles é até filho de político... Eu sou morador da periferia, então a realidade deles, tanto financeira, de humor ou de capacidade de produção, é muito distante da minha. O Parafnalha deve ganhar um pouco menos, mas já deve estar na faixa dos seis dígitos mensais, então pra mim é a mesma coisa. Minha rua ainda alaga quando chove! Minhas influências de texto de comédia

“ Já ouvimos de baianos que somos regionais demais! ”



Bruna Castelle Branco

não vêm da internet e sim de coisas como Seinfeld, Trapalhões, Irmãos Marx, Steve Martin, Chaves e vai até diretores como Robert Altman, Álex de la Iglesia, Roger Corman, Kevin Smith... além de outras coisas fora do audiovisual.

**JF: Como foi a escolha do elenco?**

U: Cada um entrou por um motivo, até hoje só fizemos duas audições. Mas já aconteceu de várias maneiras, desde indicação até a gente ver um espetáculo no teatro e convidar a pessoa.

**JF: A +1! Filmes alcançou o patamar desejado ou vocês pretendem ampliar os serviços, expandir a abrangência das produções de humor (além da Bahia)...? Há projetos novos?**

U: O patamar desejado está muito longe. Se um dia a gente conseguir chegar lá é por que não temos mais nada pra ser realizado. Nós temos mil planos e cada vez que eles vão ganhado vida mais mil já estão na fila esperando.